

Uma cetária de Tróia escavada nos anos 50 do séc. XX

Ana Patricia Magalhães*

Resumo

Este estudo pretende confrontar os cadernos de campo e outra documentação das escavações efectuadas em Tróia nos anos 50 com os materiais provenientes dessas escavações depositados no Museu Nacional de Arqueologia (M.N.A.). A cetária escolhida, designada R.22 por F. Bandeira Ferreira, corresponde a um tanque de salga de peixe da “fábrica” situada junto às Termas, escavado em 1958-59 por aquele investigador, no âmbito das escavações da Junta Nacional de Educação, dirigidas por Manuel Heleno.

O estudo da totalidade dos materiais desta cetária em acervo no M.N.A. permite verificar a homogeneidade cronológica do conjunto, inserindo-o no Baixo Império. A escavação da cetária em planos e a presumível recolha selectiva dos materiais encontrados não inviabiliza a obtenção de importantes elementos para o conhecimento da maior fábrica de salga escavada em Tróia até ao momento.

Abstract

This study aims to compare ancient field notebooks and other records from the excavations carried out in Tróia in the fifties to the materials recovered by these excavations and kept at the Museu Nacional de Arqueologia (M.N.A.). The vat chosen, R.22, was named by F. Bandeira Ferreira, and corresponds to a fish-salting vat from the factory located near the baths, which was excavated in 1958-59 by that researcher in a project of the Junta Nacional de Educação.

The study of all the materials from vat R.22 in M.N.A. showed chronology well integrated in the late Antiquity. The digging methodology by artificial plans and the shortage of materials found, does not invalidate the recovery of important data for the understanding of the largest fish-salting factory excavated in Tróia so far.

Palavras-chave

Tróia, fábrica de salga, cetária, F. Bandeira Ferreira.

1. Introdução

Este estudo debruça-se sobre o relatório da cetária R.22 e os materiais nela recolhidos, espólio pertencente ao Museu Nacional de Arqueologia (M.N.A.).

Enquadra-se no projecto de valorização, conservação e musealização da Estação Arqueológica de Tróia, tendo em conta que o estudo do

sítio e do seu passado histórico–arqueológico, indispensável para a musealização da estação romana, exige a análise da documentação e materiais arqueológicos provenientes de escavações antigas realizadas em Tróia.

A existência de um relatório pormenorizado da escavação da cetária R.22 possibilita o confronto entre as fontes documentais e as materiais deposi-

* Troiaresort - Ruínas Romanas de Tróia. apmagalhaes@troiaresort.pt

tadas no Museu Nacional de Arqueologia, constituindo-se por isso como ponto de partida para uma investigação de âmbito mais alargado. O objectivo último deste trabalho é precisamente avaliar o potencial e as limitações deste tipo de estudo.



Fig. 1 - Vista geral da fábrica (fotografia tirada por Inês Vaz Pinto).

A planta com a denominação das cetárias existente no relatório de 1957-58 (Ferreira, 1957-58. Arquivo Histórico do M.N.A.) permite a localização da cetária R.22 (fig. 1), que corresponde à cetária 13 da tal usine no estudo publicado sobre o complexo industrial de Tróia (Étienne, Makaroun & Mayet, 1994, fig. 51) e integra-se no núcleo IA depois da fábrica ter sido subdividida no Baixo Império.

2. A descoberta da cetária R.22

Foi em 1956, com a escavação das Termas, integrada num projecto de escavação em “longa escala” promovido pela Junta Nacional de Educação, que se desencadeou a descoberta daquela que viria a ser, até hoje, a maior fábrica de preparados piscícolas de Tróia, à qual pertence a cetária R.22. A escavação do “*apodyterium*”, implantado sobre a primeira cetária da ala sudoeste da fábrica, acabou por determinar a descoberta das paredes sudoeste e

sudeste da “sala comprida” ou “sala H”, de acordo com a terminologia adoptada no relatório de F. Bandeira Ferreira (1956, A.H.M.N.A.). Esta terminologia era dada de acordo com as designações atribuídas no complexo termal e no qual se pensavam integrar a “Sala H” (núcleo IC) e os seus “reservatórios” (cetárias). A este respeito escreve F. Bandeira Ferreira – “Julgo do maior interesse esta zona das termas pelo que ordeno crivagens de toda a areia que daqui saia” (Ferreira, 1956, p. 52. A.H.M.N.A.). Só mais tarde, com o desenrolar da escavação neste sector da estação arqueológica romana se reconhece a presença de uma fábrica de salga e o carácter excepcional da sua descoberta para o conhecimento da ocupação romana de Tróia.

Estes trabalhos de escavação estiveram a cargo de F. Bandeira Ferreira, que trabalhava sob a supervisão de Manuel Heleno. A escavação da fábrica de salga acabou por ser prolongada até 1959, procurando-se sobretudo a remoção da extensa duna que a cobria, com uma profundidade que chegou a atingir os 7 m de altura, tal como refere Manuel Heleno numa entrevista dada ao “Diário da Manhã”, a 25.8.58.

Pela leitura da documentação antiga de Tróia, apercebemo-nos de que o registo escrito dos cadernos de campo existentes sobre a fábrica é insuficiente, não sendo claro quanto à data da escavação do enchimento do tanque. De acordo com esta documentação antiga, em 1957, a cetária R.22 já se encontrava delimitada (Ferreira, 1957-58, p. 7, A.H.M.N.A.). Assim sendo, a sua escavação ter-se-ia processado mais tarde, entre 27 de Setembro de 1958, momento a partir do qual deixamos de ter informação escrita sobre os trabalhos de campo, e 1959, ano em que foi finalizada a escavação da fábrica e F. Bandeira Ferreira concluiu a sua participação nas campanhas de escavação promovidas em Tróia¹. O ano de 1959 aparece marcado em sete peças da cetária, devendo indicar que a sua escavação teria ocorrido nesta data, mas, infelizmente, não existe no arquivo do M.N.A. nenhum caderno de campo que o possa comprovar.

1 - Informação retirada de uma carta redigida por F. Bandeira Ferreira, endereçada a Manuel Heleno, a 12 de Novembro de 1959. H.M.N.A.

3. O relatório da escavação

Apesar de não ter sido assinado, este documento dactilografado, intitulado “Tarefa II”, terá sido provavelmente escrito por F. Bandeira Ferreira, co-director da “missão” de Tróia que acompanhava directamente os trabalhos de campo, relatando as suas observações no terreno em relatórios pormenorizados. De facto, mesmo nos curtos períodos em que F. Bandeira Ferreira se ausentou da escavação, os trabalhos efectuados eram-lhe relatados por J. P. Roldão, funcionário em permanência no campo, e seriam igualmente incorporados no relatório que periodicamente redigia.

Através da leitura do relatório da cetária R.22 apercebemo-nos de que a metodologia aplicada para a escavação dos níveis de enchimento da cetária seria muito mais meticulosa do que a utilizada nos depósitos superiores da fábrica. Eram estabelecidos planos artificiais identificados pela cota medida a partir do “bordo” da cetária, descrevendo-se a composição dos sedimentos que iam aparecendo em cada um destes planos (fig. 2).

Com base nos dados recolhidos através desta leitura efectuámos uma caracterização estratigráfica sumária de pelo menos cinco das unidades principais que conseguimos diferenciar na composição dos vários planos efectuados (fig. 3).

A partir da cota -0.25/0.30 m (medidas retiradas a partir do bordo da cetária), descreve-se uma

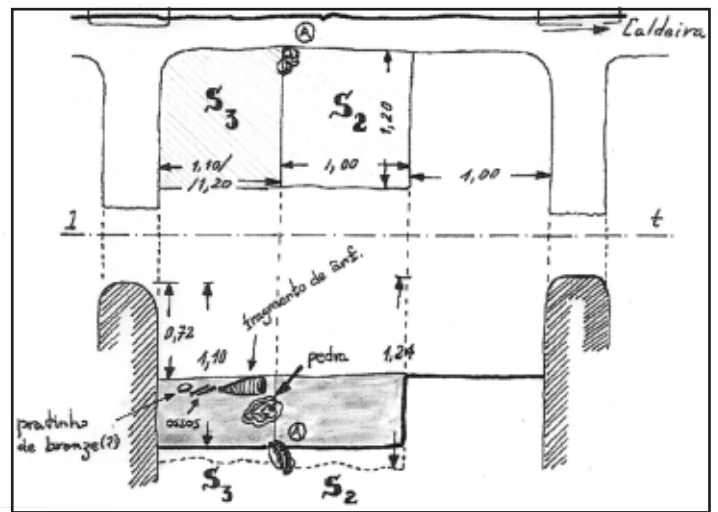


Fig. 2 - Planta e alçado da sondagem 2 e 3 (Tarefa II, p.3. A.H.M.N.A.).

unidade bastante espessa que seria composta por areia clara com manchas escuras. Nesta primeira unidade estratigráfica existe um claro indício de violação, indicada pela descoberta de um esqueleto, uma situação que implicaria certamente o reconhecimento de outras unidades estratigráficas, das quais não temos informação. Da escavação desta camada resultaram inúmeros restos de fauna malacológica, e em menor número, cerâmica de construção, cerâmica comum, *terra sigillata* (pós-tetrarquica) ou africana lisa e decorada, um pratinho de bronze e ânforas.

A partir da cota -0.75-0.80 m, as manchas es-

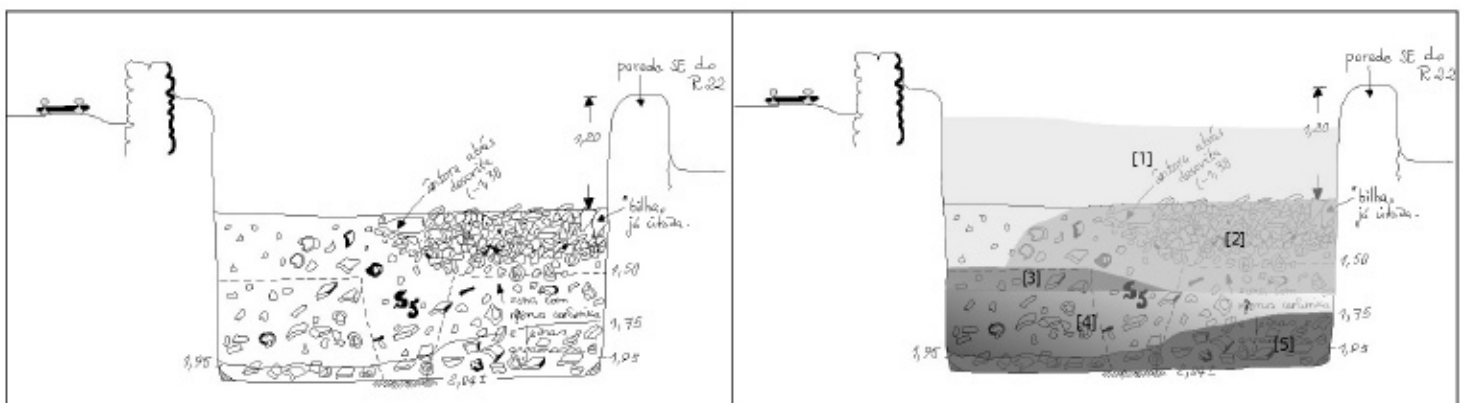


Fig. 3 - Corte estratigráfico da escavação da cetária R.22 (Tarefa II, p. 5. A.H.M.N.A.). a: Tinteagem de um desenho original do relatório de escavação da cetária R.22. b: Representação das unidades propostas com base no desenho do corte existente no relatório.

curas começam a atingir uma maior concentração, sendo que, a -1.10 m é referido que a areia é quase toda castanha acinzentada escura. Estamos perante uma segunda unidade, localizada na parte sul – oriental, ou seja, na parte sudeste da cetária, onde as manchas escuras são mais frequentes. É igualmente nesta área que surge uma maior concentração de material, sendo referidos inúmeros pregos em mau estado, pedras, fragmentos de argamassa, cerâmica de construção, uma moldura em mármore, *terra sigillata*, uma grande quantidade de cerâmica comum, em particular “uma bilha quase completa ou até completa”, um elevado número de ânforas, das quais, pelo menos uma praticamente inteira e ainda alguma quantidade de fauna malacológica. Apesar dos dados expostos, não sabemos qual a quantidade de cerâmica de construção face à cerâmica comum e, por esse motivo, ficamos na dúvida se esta concentração de materiais poderia indicar um enchimento progressivo através da deposição de lixo ou um momento de derrube.

As indicações seguintes não são muito claras, o sedimento parece ter clareado gradualmente e o material foi-se tornando mais escasso, sendo que, a -1,50 m, começa a surgir na zona noroeste da cetária uma areia clara com manchas avermelhadas, sugerindo a existência de uma terceira unidade, embora com limites um pouco incertos. Nesta unidade destaca-se o aparecimento de um vidro.

Na cota -1.65 m, identifica-se uma quarta unidade localizada a noroeste e com limites algo difusos a sudeste. Esta apresentava um sedimento arenoso de cor clara com manchas amareladas. Esta camada tem pouca relevância a nível material, sendo apenas referida alguma cerâmica de construção e cerâmica comum.

Na metade sudeste, refere-se o aparecimento de uma areia escura entre a cota -1.75/-1.93 m. Esta quinta e última unidade acaba por se estender a toda a cetária, adquirindo uma tonalidade muito pouco homogénea. Tal como se pode perceber a partir da leitura das observações efectuadas sobre a escavação das últimas três sondagens abertas na cetária (S. 5, 7, 8), esta mesma unidade foi descrita com tom castanho escuro com nuances avermelhadas aparentando por vezes “lama cinzenta”. As últimas impressões referidas no texto descrevem “*uma pas-*

ta de areia de aspecto salitroso com alguns ossos de peixe” (Tarefa II, p. 8. A.H.M.N.A.), no entanto, esta unidade foi devidamente crivada, revelando pouca quantidade de fauna ictiológica, especialmente quando comparada com as quantidades obtidas na cetária R.23. Por este motivo, a possibilidade de existência de uma última camada de produção de preparados piscícolas é pouco evidente.

Apesar da interpretação estratigráfica da escavação da cetária R.22 exigir algum esforço e a proposta das unidades estratigráficas existentes no interior do tanque não ser segura, não esqueçamos que estas hipóteses foram formuladas apenas a partir da informação disponível no relatório, informação essa resultante de dados obtidos em escavações antigas, diferente da que dispomos actualmente, mas notavelmente sistemática e pormenorizada para uma intervenção da década de 50.

4. Os materiais

Os materiais provenientes da cetária R.22 registados no inventário do M. N. A. são de diferentes categorias, tais como: *terra sigillata*, ânforas, vidro, cerâmica comum, objectos em osso, bronze e ferro.

4.1. Terra Sigillata

A *terra sigillata* é o material mais abundante no conjunto de peças estudadas da cetária. Contabilizaram-se quinze indivíduos, treze com perfis classificáveis, sendo que uma parte destes materiais já foi publicada em estudos anteriores, nomeadamente por Maria Adelaide Garcia Pereira (1971) e por Françoise Mayet (1994).

No geral, tratam-se de peças inseridas no Baixo Império, quase exclusivamente fabricadas em *terra sigillata* africana, à excepção de dois fragmentos de *terra sigillata* hispânica.

Uma das peças de fabrico hispânico (fig. 4 e fig. 5, nº1) apresenta pasta e verniz típicos do centro de produção de Andújar, tratando-se de uma taça de pequenas dimensões, paredes encurvadas e moldura externa bem marcada mas sem decoração. Estas

características parecem enquadrá-la nas produções tardias da forma Drag. 24/25 (Mayet, 1984, p. 45), entre a segunda metade do séc. I e o séc. II d.C.

Igualmente proveniente da Hispânia romana mas com uma datação mais tardia é a peça nº2 (fig. 4 e fig. 5), correspondente a uma *terra sigillata* hispânica tardia (doravante TSHT) da forma Drag. 37t. Pelas suas características genéricas e reconhecidas, esta é a forma mais amplamente documentada nos conjuntos de TSHT (Silva, 2007, p. 22). Apesar da diminuta dimensão do fragmento, o bordo biselado sugere a evolução para um colo esvasado de perfil em “S” característico da variante B de Paz Peralta (1991, p. 117 e 164-169) e na superfície externa, a decoração em *guilhoché*, embora menos frequente do que a decoração em molde, é visível em sítios como *Conimbriga* (Delgado, 1975, pl. LXXXII. nº3), Santarém (Viegas, 2003, p. 199) ou Fronteira (Carneiro & Sepúlveda, 2004, p. 454, est.III, nº13). Esta decoração é inserida na variante C de P. de Palol (1974, p. 139) ou na segunda variante descrita por Françoise Mayet (1984, p. 260), ilustrando um perfil tipicamente tardio com um *guilhoché* espaçado e pouco marcado (Mayet, 1984, p. 260 e pl. CCL, nº83).

A produção tardia da forma Drag. 37 surge documentada a partir da segunda metade do séc. III d.C., sobrevivendo até aos finais da produção de

terra sigillata hispânica tardia (Juan Tovar, 1997, p. 22 e 2000, p. 86-92).

Apesar do mau estado de conservação desta peça, podemos indicar que se trata possivelmente de um fabrico integrado no Grupo D de Françoise Mayet, correspondente à área de produção do Vale do Ebro, na qual, pelo menos numa primeira fase, se utilizam argilas calcárias cozidas em modo C idênticas às do Alto Império (Picon, 1984, p. 317).

As restantes peças de *terra sigillata* identificam-se com as produções africanas D. A taça Hayes 80 A (fig. 4 e fig. 5, nº3), representada por apenas um exemplar, foi encontrada na segunda camada descrita no ponto 3 deste estudo. Esta morfologia apresenta uma difusão mais limitada que a forma anteriormente descrita. Trata-se de uma taça de bordo arredondado com caneluras na superfície externa, paredes oblíquas e lisas que evoluem para um fundo com pé baixo. Cronologicamente, encontra-se frequentemente associada a contextos datados da segunda metade do séc. V d.C., no entanto, no Atlante a sua presença é referida em Cartago entre 360 e 440 (1981, p. 105), datação igualmente comprovada nos níveis arqueológicos de Tróia (Étienne, Makaroun & Mayet, 1994, p. 46).

Identificou-se ainda um indivíduo da tigela com aba roletada da forma Hayes 70 var. (fig. 4 e fig. 5, nº4). Peças como esta são habitualmente data-

| Nº | Fig. | Nº Inv. (M.N.A.) | Tipo de frag. | Nº de frag. | Diám. ext. (cm) | Esp. da parede (cm) | Tipo | Forma | Cor do Engobe/Verniz | Cor da Pasta | Decoração |
|----|------|------------------|---------------|-------------|-----------------|---------------------|-------|-----------------|----------------------|--------------|------------------|
| 1 | 5 | 983.47.48 | bd e bj | 1 | 10 | 0,5 | TSH | Drag. 24/25 | 10R 4/8 | 10R 5/8 | |
| 2 | 5 | 983.47.41 | bd e bj | 2 | 24,8 | 0,5 | TSHT | Drag. 37t | 2.5YR 5/8 | 10R 6/8 | <i>guilhoché</i> |
| 3 | 5 | 983.47.60 | bd, bj e fd | 3 | 17,2 | 0,4 | TSA D | Hayes 80 A | 2.5YR 4/8 | 5YR 6/8 | |
| 4 | 5 | 983.47.61 | aba | 1 | 27,4 | 1,2 | TSA D | Hayes 70 var. | 2.5YR 4/8 | 5YR 6/8 | <i>guilhoché</i> |
| 5 | 5 | 983.935.1 | bj e fd | 2 | 7,2 | 0,7 | TSA D | Hayes 91 A/B | 2.5YR 5/8 | 2.5YR 6/8 | <i>guilhoché</i> |
| 6 | 6 | 983.949.1 | bd, bj e fd | 12 | 28,4 | 1,1 | TSA D | Hayes 67 B | 2.5YR 4/8 | 5YR 6/8 | estampada |
| 7 | 6 | 983.936.1 | bd e bj | 1 | 31,4 | 0,7 | TSA D | Hayes 67 B | 2.5YR 6/8 | 2.5YR 6/8 | |
| 8 | 6 | 983.937.1 | bd e bj | 1 | 24 | 0,7 | TSA D | Hayes 67 A | 2.5YR 6/8 | 2.5YR 6/8 | |
| 9 | 6 | 983.47.39 | bd e bj | 1 | 17,2 | 0,9 | TSA D | El Mahrine 14 | 2.5YR 4/8 | 2.5YR 5/8 | |
| 10 | 6 | 983.47.44 | bd | 1 | 15 | 0,6 | TSA D | El Mahrine 14.2 | 2.5YR 5/8 | 2.5YR 6/8 | |
| | | 983.936.2 | fd | 2 | 19 | 0,6 | TSA D | Hayes 67? | 2.5YR 5/8 | 2.5YR 5/8 | |
| | | 983.47.40 | bj | 1 | | 0,7 | TSA D | Hayes 67? | 2.5YR 4/8 | 2.5YR 6/6 | |
| | | 983.47.62 | fd | 1 | 13? | 0,4 | TSA D | Ind. | 2.5YR 4/8 | 5YR 6/8 | |
| | | 983.47.42 | fd | 1 | | 0,5 | TSA D | Ind. | 2.5YR 4/8 | 5YR 6/8 | |
| | | 983.47.45 | fd | 1 | 2,8? | 0,4 | TSA D | Ind. | | 2.5YR 6/8 | |

Fig. 4 - Catálogo da *terra sigillata* da cetária R.22.

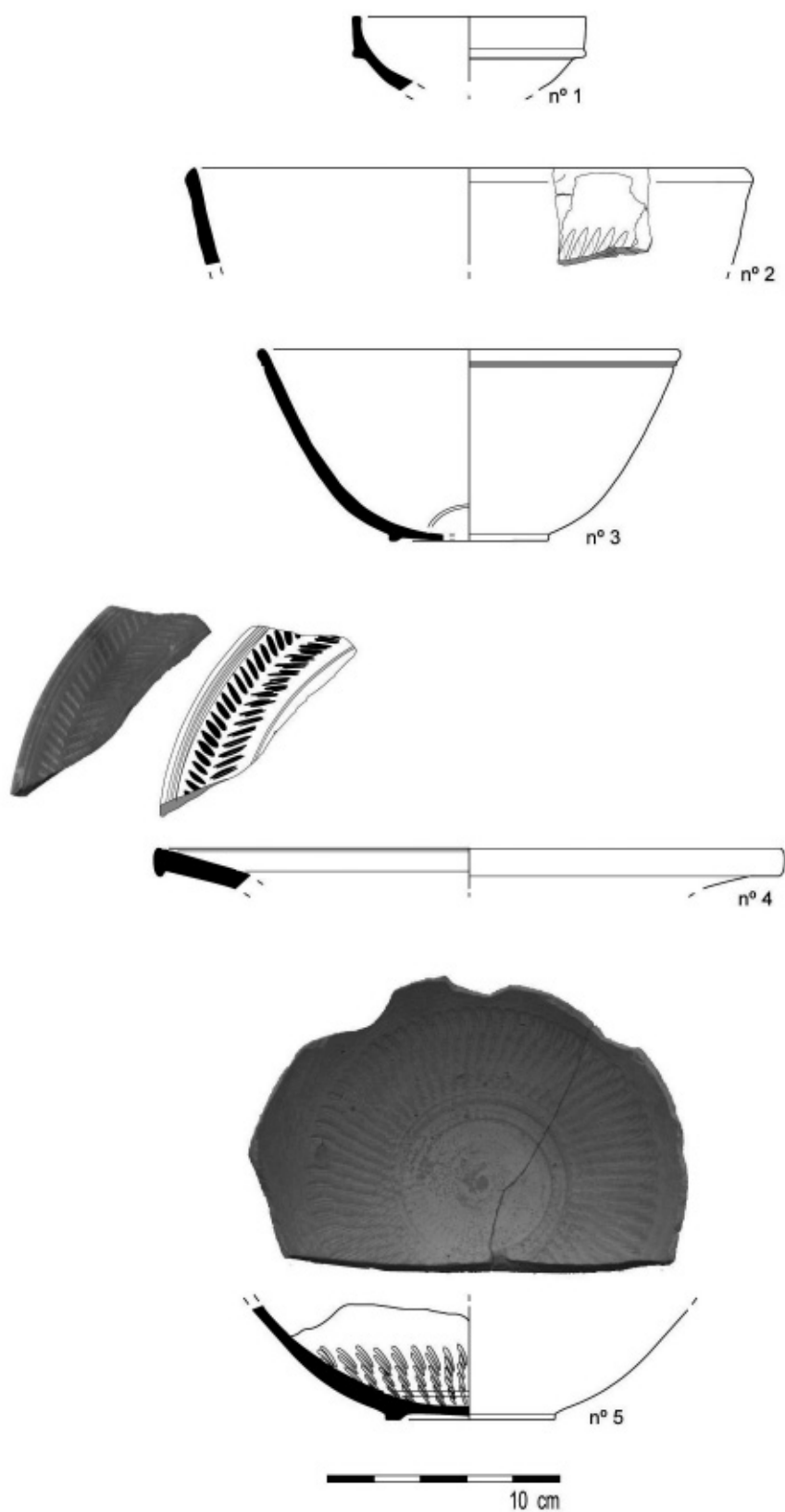


Fig. 5 - Exemplares de *terra sigillata* da cetária R.22. 1: Drag. 24/25; 2: Drag. 37t; 3: Hayes 80A; 4: Hayes 70 var.; 5: Hayes 91 A/B.

das da primeira metade do séc. V d.C., datação que pode também ser recuada para finais do séc. IV d.C. (Hayes, 1972, p. 119). Esta forma é enquadrada no fabrico E pelos autores de *Atlante* (1981, p. 121), ou no fabrico C/D ou C tardio por Françoise Mayet pelas afinidades que possui com estes dois tipos de fabrico (1991, p. 299; 1994, p. 44). Rara nos contextos arqueológicos deste período, a sua presença foi já reconhecida em Tróia no inventário de *terra sigillata* efectuado por Françoise Mayet relativamente aos materiais de colecções antigas (1994, p. 44-45 e p. 65, fig. 26, nº103).

Outra das peças de *terra sigillata* africana D presente neste conjunto e que sabemos ter sido encontrada a -1,10 m, integrando a segunda unidade descrita no ponto 3, diz respeito a um fundo decorado na superfície externa com *guilhoché* (“feather-rouletting”) de uma tigela hemisférica da forma Hayes 91 (fig. 4 e fig. 5, nº5), que inserimos na v. A/B de acordo com as observações já enunciadas por F. Mayet relativamente a Belo (1991, p. 302-303). Esta forma enquadra-se na primeira metade do séc. V d.C. (Bonifay, 2004, p. 177-179).

A tigela com bordo de perfil triangular ou amendoado com dois desníveis da forma Hayes 67 domina as importações deste fabrico. Dos sete fragmentos enquadrados nesta forma (fig. 4 e fig. 6, nº6-10), dois apresentam diâmetros bastante reduzidos, frequentemente integrados numa forma intermediária, Hayes 67/71, já reconhecida em Tróia por Françoise Mayet (1994, p.45-46) ou por El Mahrine 14 segundo a tipologia de um dos *ateliers* onde foram produzidas (Mackensen, 1993).

Estas peças foram enquadradas nas variantes estabelecidas por M. Bonifay, situadas entre a segunda metade do séc. IV d.C. e a primeira metade do séc. V d.C. (Bonifay, 2004, p. 173). O exemplar nº6, encontrado na primeira

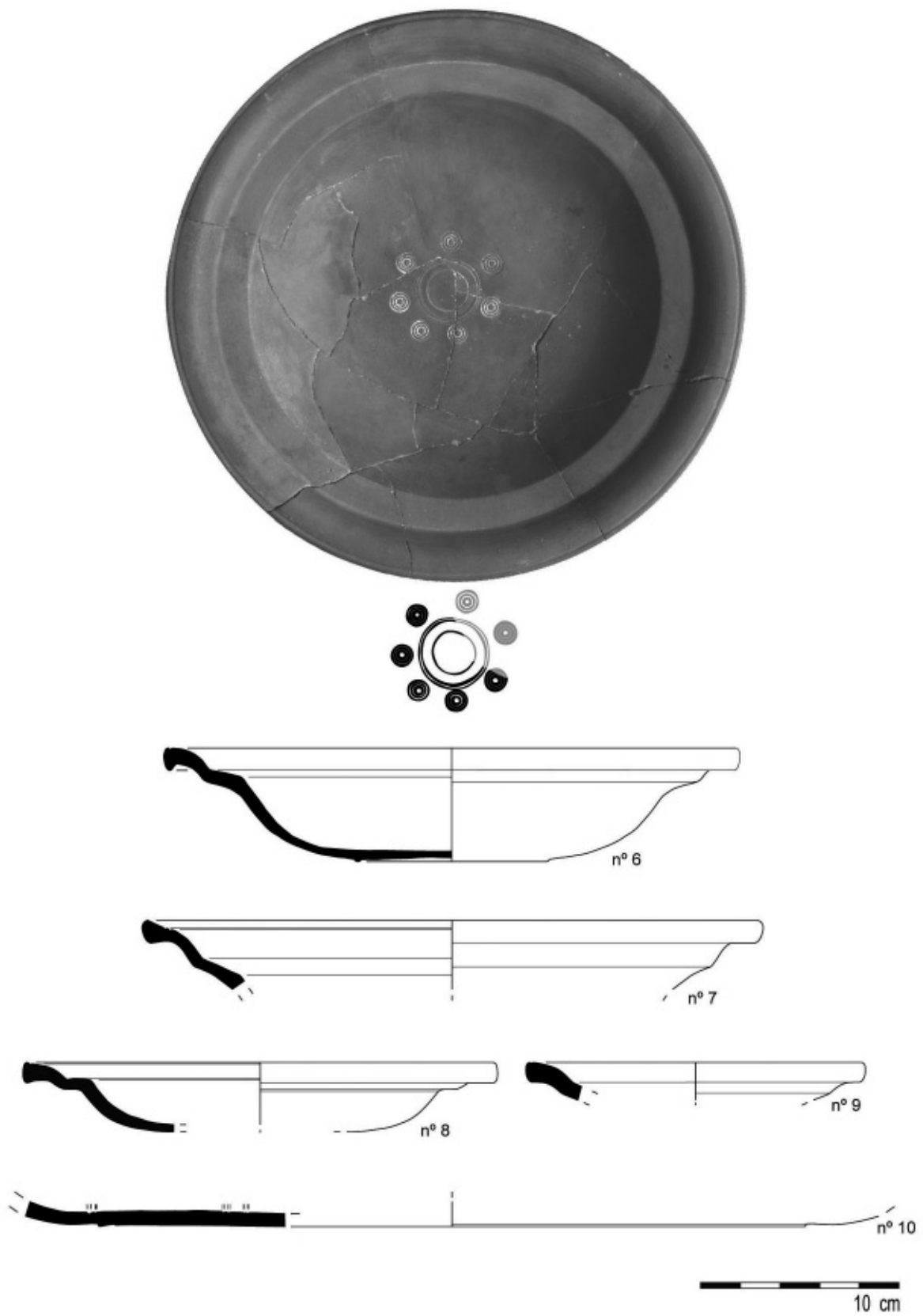


Fig. 6 - Exemplos de terra sigillata da cetária R.22 (cont.) 6-8: Hayes 67; 9: a El Mahrine 14; 10: Hayes 67?.

unidade definida no ponto 3 deste estudo, apresenta decoração estampada do estilo A (ii) - ?(iii), composta por círculos concêntricos do tipo 26 f de Hayes (1972, p. 234-235, fig. 40).

4.2. Ânforas

As ânforas foram outra das categorias cerâmicas identificadas no conjunto de materiais da cetária R.22. Possuímos apenas seis indivíduos desta categoria, todos pertencentes à forma Almagro 51c de fabrico regional, do grupo Sado-jusante/Tejo (Mayet, Schmitt & Silva, 1996, p. 163): dois bordos de perfil amendoado (fig. 7 e fig. 8, nº 11 e 12) e outro de perfil triangular (fig. 7 e fig. 8, nº 13), seguidos de um colo piriforme característico da variante B. Deste conjunto faziam ainda parte três fundos, dois pertencentes à variante C (fig. 7 e fig. 8, nºs 14 e 15) e ainda um outro cilíndrico, muito baixo e com uma bola de argila muito subida no interior, uma morfologia atípica para as características habitualmente observadas nesta forma, mas que poderá pertencer à ânfora do tipo Almagro 51c (fig. 7 e fig. 8, nº 16).

As datações obtidas para a variante B situam as peças desta forma entre meados do séc. III d.C. e os inícios do séc. IV d.C., ao passo que, a variante C é característica de contextos do séc. IV d.C. e perdura até ao séc. V d.C. (Étienne & Mayet, 2002, p. 145).

As observações registadas no relatório de escavação indicam um número de ânforas muito superior ao que dispomos nas reservas do museu (M.N.A.), sendo a maioria das peças estudadas e as

desaparecidas muito provavelmente pertencentes à segunda unidade descrita no ponto 3 deste estudo.

4.3. Vidro

O único fragmento de vidro proveniente da cetária na colecção do museu pertence à forma 120 da tipologia de Isings, correspondendo a uma jarra ovóide provavelmente inserida na variante b (fig. 9 e fig. 11, nº17), datada do séc. III d.C. a meados do séc. V d.C. (Isings, 1957, p. 150 e 151).

Este fragmento de vidro é referido no relatório de escavação da cetária R.22 (*Tarefa II*, p. 6. A.H.M.N.A.), enquadrando-se na quarta unidade individualizada descrita no ponto 3 deste estudo.

4.4. Cerâmica Comum

Destaca-se a baixa representatividade da cerâmica comum, composta por apenas quatro indivíduos. Destes, foi apenas possível a classificação tipológica de duas peças, duas formas de almofariz, uma integrada no tipo IV-E-1 (fig. 10 e fig. 11, nº19) e outra no tipo IV-D-2 (fig. 10 e fig. 11, nº20), de São Cucufate (Pinto, 2003, p. 271-273 e 275-276). Estas formas são preferencialmente situadas no Baixo Império e, no caso do exemplar nº 19, nota-se alguma semelhança com os pratos de bordo carenado da cetária nº19 da mesma fábrica, que foram enquadrados na última fase definida para o sítio arqueológico de Tróia pela equipa francesa que efectuou trabalhos de escavação neste tanque (Étienne, Makaroun & Mayet, 1994, p. 61, fig. 70 e 80).

| Nº | Fig. | Nº Inv. (M.N.A.) | Tipo de frag. | Nº de frag. | Diám. ext. (cm) | Forma | Fabrico |
|----|------|------------------|----------------------|-------------|-----------------|--------------------|-------------------|
| 11 | 8 | 983.47.58 | bd, colo e asa | 1 | 9,6 | Almagro 51c var.B | Sado-jusante/Tejo |
| 12 | 8 | 983.47.57 | bd, colo, asa e bojo | 1 | 10,6 | Almagro 51c var.B | Sado-jusante/Tejo |
| 13 | 8 | 983.47.56 | bd, colo, asa e bojo | 1 | 10,8 | Almagro 51c var.B | Sado-jusante/Tejo |
| 14 | 8 | 983.47.53 | fd e bj | 1 | 3,2 | Almagro 51c var.C? | Sado-jusante/Tejo |
| 15 | 8 | 983.47.52 | fd e bj | 1 | 2,8 | Almagro 51c var.C | Sado-jusante/Tejo |
| 16 | 8 | 983.47.59 | fd e bj | 1 | 5 | Almagro 51c? | Sado-jusante/Tejo |

Fig. 7 - Catálogo das ânforas da cetária R.22.

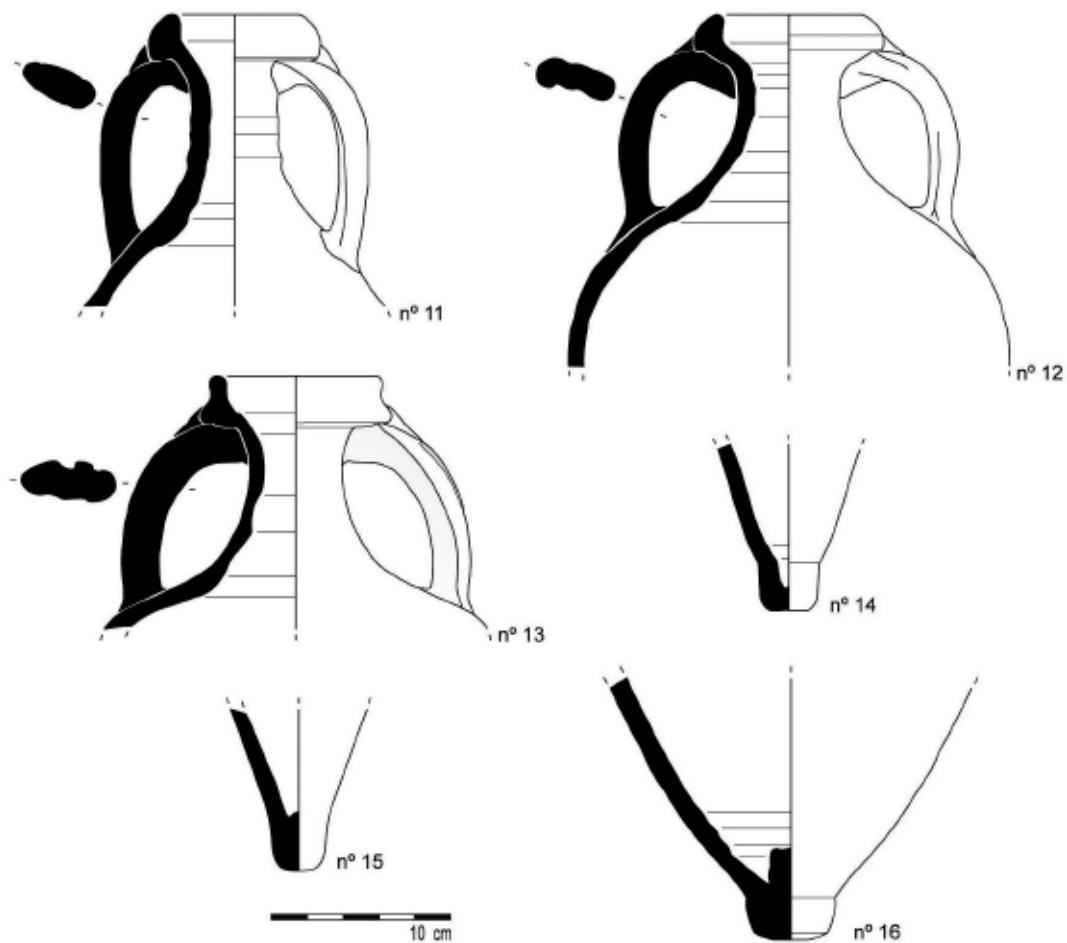


Fig. 8 - Exemplos de ânforas da cetária R.22. 11-13: Almagro 51c var. B; 14-15: Almagro 51c var.C; 16: fundo atípico de Almagro 51c (?).

| Nº | Fig. | Nº Inv. (M.N.A.) | Tipo de frag. | Nº de frag. | Diâm. ext. (cm) | Esp. da parede (cm) | Forma | Cor | Observações |
|----|------|------------------|----------------------------|-------------|-----------------|---------------------|-------------|-----------------|-------------------|
| 17 | 11 | 983.47.47 | bd, arranque de asa e colo | 1 | 6,4 | 0,2 | Isings 120b | verde esmeralda | impurezas na sup. |

Fig. 9 - Catálogo do vidro da cetária R.22.

4.5. Objectos em osso

De presença reduzida, evidencia-se a existência de três peças em osso: uma agulha de duplo orifício, um rectangular e outro circular onde se encontra fracturada (fig. 12 e fig. 14, nº21) e dois alfinetes de cabelo, um com a cabeça conservada, em forma de duplo cone simétrico (fig. 12 e fig. 14, nº22), e

outro fracturado em ambas as extremidades (fig. 12 e fig. 14, nº23). Estes materiais possuem paralelos exactos nas *Fouilles de Conimbriga*, o nº21 assemelha-se ao nº311, da pl. XIII (Alarcão & Ponte, 1979) e o nº22 ao nº81, da pl. XXIX, para o qual é apontada uma grande longevidade, sensivelmente desde o séc. I ao séc. V (Alarcão & Ponte, 1979, p. 127).

| Nº | Fig. | NºInv. (M.N.A.) | Tipo de frag. | Nº de frag. | Diâm. ext. (cm) | Forma | Origem | Fabrico |
|----|------|-----------------|---------------|-------------|-----------------|--------------|----------|----------------------|
| 18 | 11 | 983.47.46 | fd | 1 | 5,4 | ind. | regional | Sado-jusante/Tejo |
| 19 | 11 | 983.47.55 | bd e bj | 1 | 21,4 | Cuc. IV-E-1 | ind. | ind. /coz. em modo B |
| 20 | 11 | 983.47.54 | bj | 1 | aprox. 44 | Cuc. IV-D-21 | ind. | ind. /coz. em modo B |
| | | | bj | 1 | | ind. | ind. | ind. |

Fig. 10 - Catálogo da cerâmica comum da cetária R.22.

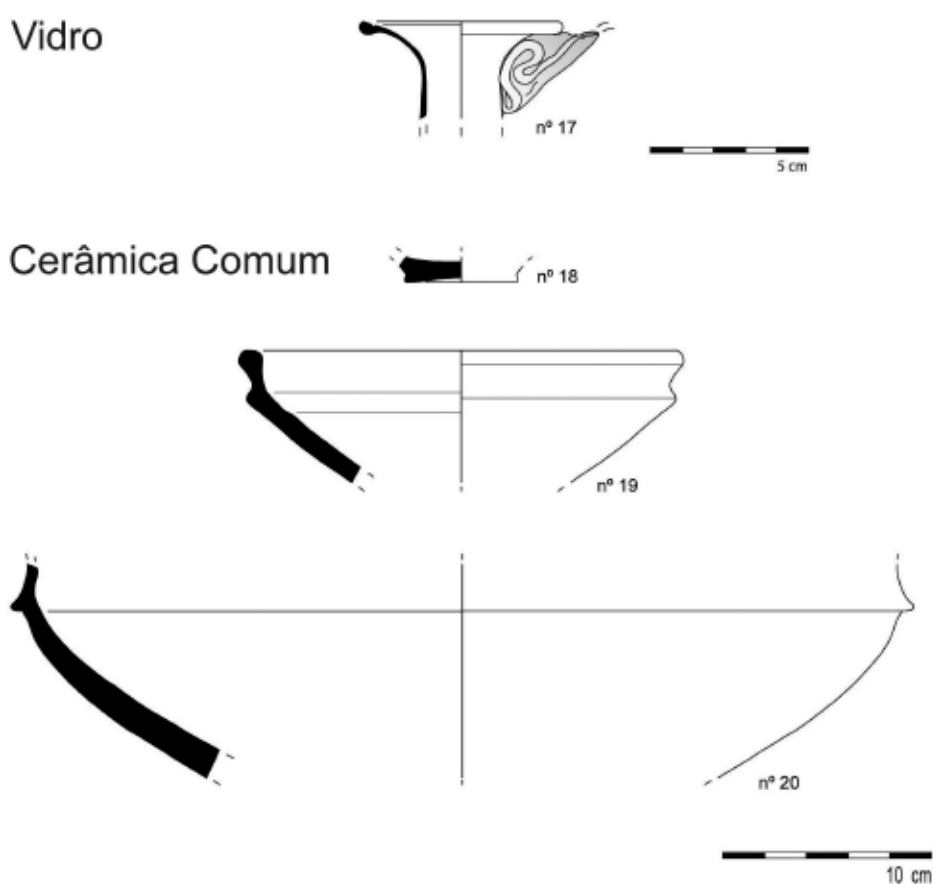


Fig. 11 - Exemplares de vidro e de cerâmica comum da cetária R.22. 17: Isings 120; 18: fundo de morfologia indeterminada; 19: Cuc. IV-E-1; 20: Cuc. IV-D-2.

| Nº | Fig. | NºInv. (M.N.A.) | Tipo / Forma | Nº de frag. | Alt. cons. (cm) | Esp. da secção (cm) |
|----|------|-----------------|--------------|-------------|-----------------|---------------------|
| 21 | 14 | 983.47.49 | agulha | 1 | 4,1 | 0,3 |
| 22 | 14 | 983.47.51 | alfinete | 1 | 4,1 | 0,4 |
| 23 | 14 | 983.47.50 | alfinete | 1 | 6,4 | 0,4 |

Fig. 12 - Catálogo dos objectos em osso da cetária R.22.

Fig. 13 - Catálogo dos objectos em bronze da cetária R.22.

| Nº | Fig. | NºInv. (M.N.A.) | Tipo / Forma | Nº de frag. | Diám. ext. (cm) | Alt. cons. (cm) | Esp. da secção (cm) |
|----|------|-----------------|--------------|-------------|-----------------|-----------------|---------------------|
| 24 | 14 | 983.47.16 | pratinho | 1 | 4,8 | 0,6 | 0,1 |
| 25 | 14 | 983.47.15 | prego | 1 | | 7,4 | 0,6 |
| 26 | 14 | 983.47.17 | argola | 1 | | 6,2 | 0,9 |
| 27 | 14 | 983.47.18 e 19 | ligula | 2 | | 34,5 | 0,3 |

4.6. Objectos em bronze

No conjunto estudado, salienta-se ainda a presença de um conjunto de quatro objectos em bronze, em bom estado de preservação e de funcionalidade diversa, um pequeno prato (fig. 13 e fig. 14, nº24), um prego (fig. 13 e fig. 14, nº25), uma argola (fig. 13 e fig. 14, nº26), e uma *ligula* (fig. 13 e fig. 14, nº27). Destaca-se o aparecimento do pratinho, que pelo seu carácter excepcional surge representado nos desenhos do relatório da cetária R. 22, correspondendo à primeira camada descrita no ponto 3 deste estudo, e da *ligula* de secção circular, com uma das extremidades fina e aguçada e outra de formato discoidal. Este instrumento encontra-se associado a diversas funcionalidades, desde o uso farmacêutico ao médico-cirúrgico, para aplicar ou manipular unguentos, ou mais frequentemente, como sonda para limpeza dos ouvidos. Esta última peça apresenta paralelos relativamente idênticos em *Conimbriga*, Ilici e em *Segobriga* (Alarcão & Ponte, 1979, p. 146, nº256-260, da pl. XXVI; Tendero & Lara, 2003, p. 209, fig. 3, nº1; Santapau, 2003, p. 292, fig. 1, nº3).

Fig. 14 - Catálogo dos objectos em ferro da cetária R.22.

| Nº | Fig. | NºInv. (M.N.A.) | Tipo / Forma | Nº de frag. | Esp. da secção (cm) |
|----|------|-----------------|--------------------------|-------------|---------------------|
| | | 983.47.2 | prego ou cavilha | 1 | 1,6 |
| | | 983.47.9 | prego | 1 | 1,2 |
| | | 983.47.8 | prego | 1 | 1,8 |
| | | 983.47.4 | prego | 1 | 2 |
| | | 983.47.7 | prego | 1 | 1 |
| | | 983.47.14 | prego? | 1 | 1,2 |
| | | 983.47.11 | prego? | 1 | 1,1 |
| | | 983.47.10 | prego? | 1 | 1 |
| | | 983.47.6 | prego? | 1 | 1,5 |
| | | 983.47.3 | ind. | 1 | |
| | | 983.47.5 | ind. | 1 | 1,6 |
| | | 983.47.12 | ind. | 1 | 1,8 |
| | | 983.47.13 | ind. | 1 | 0,8 |
| | | 983.47.1 | placa de morfologia ind. | 2 | 0,5 |

4.7. Objectos em ferro

Os materiais em ferro são quase exclusivamente constituídos por pregos. O aparecimento de pregos é uma característica frequente nos sítios arqueológicos pelo que não estranhámos a sua presença massiva no conjunto de materiais em ferro da cetária. Contabilizaram-se treze pregos em muito mau estado de conservação com tamanhos e espessuras variáveis, provavelmente pertencentes à segunda camada da cetária R.22 (ponto 3). Destes materiais, diferenciou-se ainda uma chapa bastante degradada e mal conservada, e que por esse motivo não possibilitou uma segura interpretação funcional.

5. Considerações finais

As 47 peças da cetária R.22 existentes no M.N.A. parecem-nos um espólio numericamente muito inferior ao que normalmente se verifica noutros níveis de enchimento de cetárias, maioritariamente constituídos por lixeiras, entulhos ou derru-

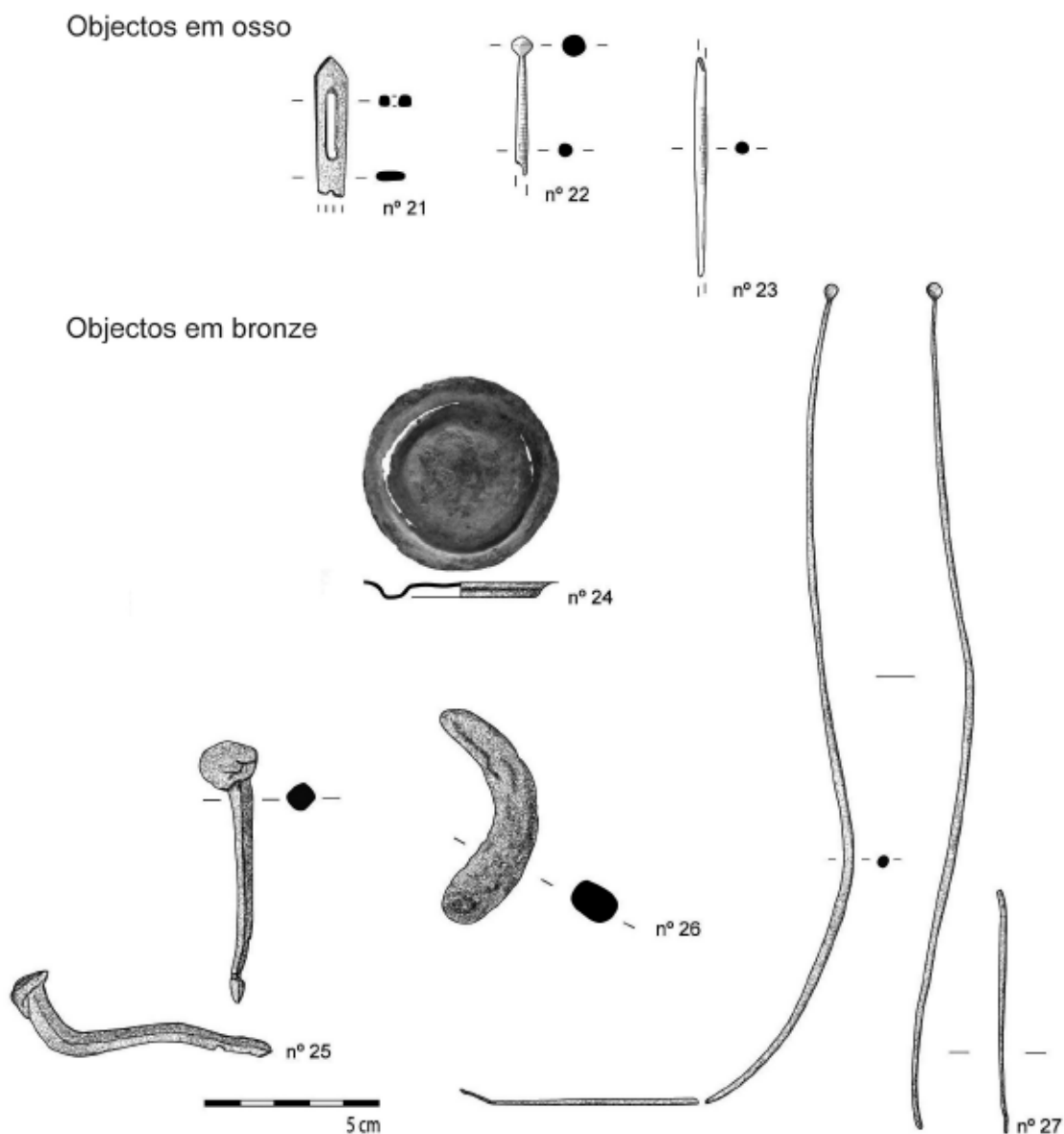


Fig. 15 - Objectos em osso e em bronze da cetária R.22. 21: agulha; 22 e 23: alfinetes de cabelo; 24: pratinho em bronze; 25: prego; 26: argola; 27: *ligula*.

bes, sobretudo se tivermos em consideração que essa cetária apresenta um volume de cerca de 23.244 m³, tratando-se do segundo tanque de salga com maior capacidade da fábrica a que pertence.

Foi, aliás, a riqueza do conteúdo desta cetária, assim como a necessidade de diagnóstico de determinadas áreas, que ditou o estabelecimento de sete sondagens para a escavação dos planos artificiais definidos. O abundante e variado número de materiais referido no relatório não coincide de forma alguma com

o conjunto depositado no M.N.A.. De acordo com o relatório, algumas destas peças levaram mesmo à interrupção dos trabalhos para que pudessem ser pessoalmente recolhidas pelo director da escavação.

A escassez de material é um dos aspectos mais negativos a retirar da confrontação de natureza material e de natureza documental. O estudo destas duas fontes permite verificar, antes de mais, que ou se efectuou uma recolha selectiva de peças (como sugere o conjunto de *terra sigillata*, constituído unicamente por

peças decoradas ou com perfil completo ou quase completo e a escassez de ânforas e de cerâmica comum), ou muitas destas peças se perderam no processo de transição entre a escavação e a inventariação no depósito final, possivelmente em depósitos intermédios. Por outro lado, existe também a possibilidade de algumas destas peças estarem integradas na colecção do M.N.A. sob o rótulo de proveniência desconhecida.

As lacunas de carácter estratigráfico decorrentes do método de escavação utilizado, com planos artificiais desdobrados em pequenas sondagens no interior da cetária, são minimizadas pela minúcia com que nos são descritas as alterações sedimentares e os materiais mais significativos descobertos em diversos momentos da escavação, permitindo a identificação da proveniência de algumas das peças estudadas. Aliás, todos os cadernos de campo de F. Bandeira Ferreira referentes às colecções de Tróia são extremamente pormenorizados e permitem a reconstituição das diferentes camadas, justificando o estudo dos materiais dessas intervenções.

Cronologicamente, e se ignorarmos a presença residual do único fragmento de *terra sigillata* alto imperial, estamos perante um conjunto material bastante homogéneo, bem inserido no Baixo Império, balizado entre o séc. III e meados do séc. V d.C., mas melhor representado a partir do séc. IV, graças à *terra sigillata* africana identificada.

A natureza do enchimento da cetária R.22 e a datação obtida pelo estudo dos seus materiais pode talvez reflectir um abandono/destruição contemporâneo ao da cetária 19 escavada pela equipa francesa no âmbito das investigações arqueológicas efectuadas na mesma fábrica (Étienne, Makaroun & Mayet, 1994, p. 39 e 40). Tendo em conta o faseamento proposto por estes investigadores, considera-se que o enchimento da cetária R.22 se enquadra na terceira e última fase de utilização da “usine I”, ou seja, no séc. IV d.C. e V d.C. (ob. cit., p.49).

6. Agradecimentos

Muito agradeço à Doutora Inês Vaz Pinto pela orientação e recomendações que deu a este trabalho, bem como, conjuntamente com o Dr. João Almeida pelas fotografias ilustradas nas estampas dos materiais.

7. Bibliografia

ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R.; ALARCÃO, A. M.; PONTE, S. (1979) – Trouvailles diverses – Conclusions générales. In J. ALARCÃO e R. ÉTIENNE, *Fouilles de Conimbriga*, 7. Paris: Diffusion E. de Boccard.

BONIFAY, M. (2004) – *Études sur la céramique romaine tardive d’Afrique*. (BAR International Series, 1301). Oxford.

BOURGEOIS, A.; MAYET, F. (1991) – *Les sigillées*. *Fouilles de Belo*, 7. Publ. de la Casa de Velásquez, 14. Paris: Casa de Velásquez.

CARANDINI, A. *et al.* (1981) – Cerâmica Africana. In *Atlante delle forme ceramiche I*, (Enciclopedia dell’Arte antica e orientale). Roma.

CARNEIRO, A.; SEPÚLVEDA, E. (2004) – *Terra sigillata* hispânica tardia do concelho de Fronteira: exemplares recolhidos entre 1999 e 2003. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2 (2), p. 435-458.

DELGADO, M.; MAYET, F.; ALARCÃO, A. M. (1975) – Les Sigillées. In J. ALARCÃO e R. ÉTIENNE, *Fouilles de Conimbriga*, 4. Paris: Diffusion E. de Boccard.

ÉTIENNE, R.; MAKAROUN, Y. e MAYET, F. (1994) – *Un grand complexe industriel à Tróia (Portugal)*. Paris: Diffusion E. de Boccard.

ÉTIENNE, R.; MAYET, F. (2002) – *Salaisons et sauces de poisson hispaniques*. Paris: E. de Boccard.

FERREIRA, F. B. – *Campanha de Tróia – 1956* [Manuscrito]. 1956. Arquivo Histórico do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Arquivo Pessoal de Manuel Heleno. Envelope Tróia - Setúbal 1956.

FERREIRA, F. B. – *Inverno de 1957-1958* [Manuscrito]. 1957-58. Arquivo Histórico do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Arquivo Pessoal de Manuel Heleno. Anexo ao ofício da Junta Autónoma do Porto de Setúbal de 31/7/958, ref. of. 745-Pº 299.

FERREIRA, F. B. – [Carta] 1959 Novembro 12, Setúbal [a] Manuel Heleno [Manuscrito]. 1959. Ar-

quivo Histórico do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.

HAYES, J. W. (1972) – *Late Roman pottery*. London: The British School at Rome.

HELENO, M. (1958) – *Nas areias de Tróia procura-se o único porto romano situado na nossa costa e tenta-se localizar a cidade famosa de Cetóbriga*. Entrevista de Manuel Heleno ao Diário da Manhã a 25.08.58. Arquivo Histórico do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Arquivo Pessoal de Manuel Heleno. Anexo ao ofício da Junta Autónoma do Porto de Setúbal de 31/7/958, ref. of. 745-Pº 299.

ISINGS, C. (1957) – *Roman Glass from dated finds*. Archaeologica Traiectina, 2. Groningen: J. B. Wolters.

JUAN TOVAR, L. C. (1997) – Las industrias cerámicas hispanas en el Bajo Imperio. Hacia una sistematización de la Sigillata Hispánica Tardía. *Congreso Internacional La Hispania de Teodosio*, 2, Salamanca: Graficas Varona, p. 543-568.

JUAN TOVAR, L. C. (2000) – La terra sigillata de Quintanilla de la Cueva. In M. A. GARCÍA GUINEA, *La villa romana de Quintanilla de la Cueva (Palencia), Memoria de las excavaciones 1970-1981*. Palencia: Diputación Provincial, p. 45-123.

MACKENSEN, M. (1993) – *Die spätantiken sigillata-und Lampentöpfereien von El Mahrine (Nordtunesien)*. (Münchner Beiträge zur Vor-und Frühgeschichte; 50). Munich: Beck, 2 vols.

MAYET, F. (1984) – *Les céramiques sigillées hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Peninsule Ibérique sous l'Empire romain*. Paris: E. de Boccard.

MAYET, F.; SCHMITT, A.; SILVA, C. T. (1996) – *Les Amphores du Sado (Portugal). Prospection des fours et analyse du materiel*. Paris: E. de Boccard.

MUNSELL SOIL COLOR CHARTS (1994) – Nova Iorque: Macbeth Division of Kollmorgan Instruments Corporation.

PALOL, P.; CORTÉS, J. (1974) – *La villa romana de La Olmeda, Pedrosa de la Vega (Palencia). Excavaciones de 1969 y 1970*, vol. I. Madrid: Ministerio de Cultura (Acta Arqueológica Hispánica; 7).

PAZ PERALTA, J. (1991) – *Cerámica de mesa romana de los siglos III al VI d.C. en la provincia de Zaragoza*. Zaragoza: Pórtico.

PEREIRA, M. A. G. (1971) – *Contribuição para o estudo da "Terra Sigillata" de Tróia de Setúbal*. Dissertação de licenciatura em História, Faculdade de Letras, Lisboa.

PINTO, I. V. (2003) – *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*. Universidade Lusíada Editora. Lisboa.

SANTAPAU, M. C. (2003) – Instrumental médico-quirúrgico de Segobriga (Saelices, Cuenca). Hallazgos de las campañas de excavación 1999-2002. *Bolskan* – Huesca: Instituto de Estudios Altoaragoneses de la Diputación Provincial de Huesca, vol. 20, p. 287-295.

SILVA, A. P. M. (2007) – *A Terra Sigillata Hispânica Tardia de Terronha de Pinhovel: O comércio e o povoamento*. *Cadernos "Terras Quentes"*. Macedo de Cavaleiros. Edições ATQ/CMMC. 4, p. 7-51.

Tarefa II [Dactilografado]. S. d. Arquivo Histórico do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Arquivo Pessoal de Manuel Heleno.

TENDERO, M.; LARA, G. (2003) – Materiales higiénico-sanitários de *Ilici* (La Alcudia, Elche, Alicante). *Bolskan* – Huesca: Instituto de Estudios Altoaragoneses de la Diputación Provincial de Huesca, vol. 20, p. 201-214.

VIEGAS, C. (2003) – *A terra sigillata da Alcáçova de Santarém. Cerâmica, economia e comércio*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. *Trabalhos de Arqueologia*; 26.